



FRATERNIDADE LEIGOS CAVANIS
Casa Sagrado Coração, INSTITUTO CAVANIS
Via Col Draga - POSSAGNO (TV)

MONASTÉRIO INVISÍVEL 02.01.2021

Queridos,

Escrevo estas poucas linhas enquanto se celebra na Igreja a Festa da Sagrada Família; o Nascimento do Senhor, na estrutura que sustenta a liturgia, constitui não só um evento singular, isolado no tempo, mas, em vez, um tempo dilatado e difundido em que se explica a reflexão da Igreja sobre a Encarnação do Verbo, sobre os resultados que ela produziu na história da Salvação e na dimensão pascal que lhe é própria. Se de fato a Páscoa é a nova passagem de Deus que veio para salvar o seu povo da morte, assim como já tinha salvado os antigos pais do Egito, bem desse trânsito a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus são o cumprimento, mas a Encarnação é o início. A festa da Sagrada Família guia o nosso olhar a contemplar o ambiente em que o Filho de Deus, gerado da Maria de Nazaré, cresce e se torna gradualmente consciente de si mesmo, da própria humanidade e da sua relação com o Pai.

Deste ambiente (que também está em andamento porque a paternidade é experiência que se faz crescendo e amadurecendo progressivamente); a boa narração de Lucas captura a fase inicial; nos são mostradas as primeiras iniciativas dos dois pais que, fiéis à tradição religiosa em que foram educados, levam o filho ao templo para apresentá-lo ao Senhor. Quando a fé representa uma realidade vital e constitutiva, não é possível pensar ao filho fora desta dimensão; para José e Maria a iniciativa tomada não é, portanto, uma adesão formal na prescrição mosaica, mas a expressão de uma sensibilidade que os leva a perceber cada ato como realizado na presença de Deus.

Os dois casais, levando Jesus ao templo, situam a sua paternidade e maternidade no sopro da espera e da fé de Israel de que Jesus constitui a realização e da qual eles são, ao mesmo tempo, mediadores e destinatários. Portanto é bom pensar à família como o lugar onde a fé constitui o substrato vital e onde a educação humana e espiritual dos filhos não são coisas distintas, mas aspectos de um único processo de amadurecimento.

E é bom pensar à força de um carisma, como este nosso Cavanis que nasceu *"principalmente para exercer aos jovens os deveres não tanto de mestre quanto de pai, em ajuda à acção educativa da família"* (cfr. Const. e Normas, art. 2).

In fraternitate sanguinis Christi
il Coordinatore della FLC della Delegazione d'Italia,
Massimo Mazzuco

Do Evangelho segundo Lucas (Lc 2: 22-40):

Quando foram terminados os dias da purificação ritual, segundo a lei de Moisés, (Maria e José) levaram o menino (Jesus) a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor - conforme está escrito na lei do Senhor: "Todo o primogénito será consagrado ao Senhor» - e para oferecer em sacrifício um par de rolas ou dois pombinhos, conforme prescreve a lei do Senhor.

Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão, homem justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele. E lhe fora revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito, ele foi ao templo e, enquanto seus pais traziam o menino Jesus para fazer o que a Lei prescrevia para ele, ele também o acolheu em seus braços e bendisse a Deus, dizendo:

«Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra;
 pois os meus olhos já viram a tua salvação,
 a qual tu preparaste ante a face de todos os povos;
 luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo Israel».

Enquanto isso, o pai e a mãe de Jesus se admiravam das coisas que deles se diziam. E Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino: «Eis que este é posto para queda e para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição, Sim, e uma espada trespassará a tua própria alma, para que se manifestem os pensamentos de muitos corações».

Intervenção formativa do Pe. Diego Spadotto, em www.cavanis.org em 14.12.2020:

“Ensina-nos a contar os nossos dias e chegaremos à sabedoria do coração” (Sl 90,12). Muitas são as oportunidades para reflectir sobre o que a pandemia nos diz do ponto de vista social e pastoral: a transitoriedade e precariedade da vida terrena, a certeza da fé na vida eterna, o consolo de saber que não estamos sós nesta tempestade que caiu sobre o mundo, porque “o Verbo se fez carne e veio habitar entre nós”. A pandemia também mostrou os limites de uma vida religiosa que deixou de lado ou relativizou todas as coisas importantes. Primeiro, o verdadeiro significado da vida comunitária e, depois, a necessidade de uma vida de oração pessoal e comunitária não formal. Oração e caridade

para não se tornar “mediocre, morno, mundano”, distraído por “tramas”, interesses pessoais e “tantas vaidades”, em busca de “padrinhos para fazer carreira”. Atraídos por nossos interesses e distraídos por tantas vaidades, corremos o risco de perder o essencial. Por que procurar ser promovido e avançar na carreira? Tudo passa. Vigiar, diz o Senhor. Os discípulos também se adormeceram nas últimas horas da vida terrena de Cristo. Durante a Última Ceia, eles traíram Jesus; de noite se cochilaram; ao cantar do galo, eles o negaram; pela manhã, o deixaram condenar à morte.

Também sobre nós pode descer o mesmo torpor. Há um sono perigoso: o sono da mediocridade que nos faz viver até o Natal de Jesus à moda do mundo. O sono vem quando esquecemos o nosso primeiro amor e vamos a frente por inércia. Isso corrói a fé, porque a fé é o oposto da mediocridade: é o desejo ardente de Deus, é a audácia contínua de converter-se, é coragem de amar, é sempre indo para frente. O despertar para este sono da mediocridade é a oração que é como o oxigênio: "Assim como não se pode viver sem respirar, também não se pode ser cristão sem rezar". Mas há também um segundo sono interior que é o sono da indiferença. Quando orbitamos apenas em torno de nós mesmos e de nossas necessidades, indiferentes às dos outros, a noite cai no coração. Reclamações constantes, vitimização, etc. É uma corrente. Esta noite parece ter caído sobre muitos que reivindicam tudo e não se interessam pelos outros. Parece que sentir compaixão, ajudar, servir, seja coisa de perdedores. Na verdade, é a única coisa vencedora, porque já está projectada para o futuro, para o dia do Senhor, quando tudo vai passar e vai ficar só o amor. «Chegada a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu próprio Filho, nascido de mulher» (Gl 4, 4), e nesta plenitude dos tempos Deus se encontra com a liberdade de uma jovem mulher que aceita de acolher em plena liberdade o desígnio misterioso de Deus e se oferece para ser mãe na confiança filial de Deus. Hoje o Senhor pede à vida consagrada a disponibilidade gratuita de Maria.